Revista Photo & Documento

A "modernidade múltipla" brasileira na trajetória do fotógrafo Alois Feichtenberger*

The Brazilian "multiple modernity" in Alois Feichtenberger photographer trajectory

Guilherme TALARICO**

Resumo: ensaio fotográfico sobre a trajetória do fotógrafo Alois Feichtenberger e os elementos da "modernidade" representados em suas fotografias, de 1928 a 1986. Considerado um dos pioneiros da fotografia em Goiás, o imigrante austríaco também registrou regiões do Pantanal Mato-grossense, norte do Paraná, Triângulo Mineiro, capital e interior de São Paulo, além de ter sido correspondente de guerra na ilha de Creta.
Palavras-chave: Alois Feichtenberger; Fotobiografia; Fotografia; História; Modernidade.

Abstract: photographic essay about the trajectory of the photographer Alois Feichtenberger and the "modernity" elements represented on his pictures, from 1928 to 1986. The Austrian immigrant is considered as one of the pioneers of the photography in Goias State. He also registered the regions of Pantanal Mato-grossense, northern Paraná, Triângulo Mineiro, capital and interior of São Paulo, besides being a war correspondent on the island of Crete.
Keywords: Alois Feichtenberger; History; Modernity; Photobiography; Photography.

O imigrante austríaco Alois Feichtenberger foi um dos pioneiros da fotografia em Goiás, para onde foi atraído durante a construção de Goiânia, em 1936. Seu acervo está sob a guarda do Museu da Imagem e do Som de Goiás, que pode (com projeto patrocinado pelo BNDES, entre 2006 e 2010) desenvolver os trabalhos de catalogação, higienização, arrolamento, acondicionamento, disponibilização e difusão de sua obra, que compreende documentação fotográfica (43.032 negativos, 7.637 ampliações, 386 diapositivos e 4 álbuns) e documentação textual (14 diários, 750 cartas pessoais e comerciais, 58 livros, 33 revistas, 380 periódicos, 43 artigos e 500 documentos pessoais), além de objetos pessoais e de trabalho. Sua produção fotográfica cobre, de 1928 a 1986, a abertura das frentes pioneiras no Pantanal Mato-grossense, atual Mato Grosso do Sul, (figura 1), núcleos de colonização no Paraná (figura 2), obras de infraestrutura urbana na capital paulista (figura 3), áreas

* Este texto é baseado na pesquisa desenvolvida como tese de doutorado, defendida em junho de 2018, no Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal de Goiás (UF-Brasil), sob orientação da Profª Drª Fabiana de Souza Fredrigo (Talarico, 2018).

** Doutor em História pela UFG. Atualmente presta serviços de consultoria para projetos de de impacto ambiental e levantamentos arqueológicos e históricos. Cv: http://lattes.cnpq.br/4134429141856422 ; e-mail: talarico.gui@gmail.com

BY-NC-ND 4.0 International

de mineração no Triângulo Mineiro (figura 4), a construção de Goiânia, além do período em que tentou carreira na Europa (entre 1939 e 1952), até o retorno a São Paulo e o definitivo estabelecimento em Goiânia (1960).

Figura 1: Estação de Piraputanga, da Estrada de Ferro Noroeste do Brasil, Mato Grosso (ATUAL Mato Grosso do Sul); 1929.

Fonte: Acervo AF, MIS-GO.

Figura 2: Autorretrato de Alois Feichtenberger (de chapéu) na varanda da casa dos colonos poloneses que o abrigaram em Barra Bonita (Ibaiti, PR); 1931.

Fonte: Acervo AF, MIS-GO.

BY-NC-ND 4.0 International

Figura 3: Perspectiva das obras de canalização do rio Anhangabaú, a partir do local da futura avenida 9 de Julho, região central de São Paulo; 1930.

Fonte: Acervo AF, MIS-GO.

Figura 4: Garimpeiros em Estrela do Sul, Minas Gerais; 1933.

Fonte: Acervo AF, MIS-GO.

Em continuidade aos trabalhos de reconstituição da trajetória de Alois Feichtenberger, iniciados no MIS-GO, aprofundei as pesquisas sobre a produção do fotógrafo em tese de doutoramento que evidencia algumas especificidades dos seus registros (Talarico, 2018).

BY-NC-ND 4.0 International

Um elemento bastante evidenciado dentre as imagens produzidas por Feichtenberger é a manifestação da "modernidade" empreendida pelas diferentes forças de poder, que atuaram em temporalidades distintas, das regiões percorridas pelo fotógrafo, o que leva a algumas considerações a respeito de sua trajetória e do uso que foi feito de suas fotografias. Primeiramente, o olhar que Feichtenberger emprega em suas fotografias foi construído pelo "choque" entre a nova realidade vivenciada ao tomar contato com o interior do Brasil e a manutenção dos padrões eurocêntricos de percepção de mundo. Esta "fantasmagoria" que se amalgama em suas fotografias, representa uma "modernidade múltipla" que é constantemente ressignificada ao longo de sua trajetória, tanto pelos diferentes contextos em que o fotógrafo trabalha, como de acordo com os diferentes usos atribuídos a suas fotos.

Outra consideração diz respeito ao uso que o próprio fotógrafo faz do seu acervo de imagens. Os "valores de uso" de algumas fotografias feitas por Feichtenberger vão sendo alterados na medida em que sua função é modificada. Por exemplo, uma imagem produzida inicialmente para compor o relatório das obras da construção de Goiânia (figura 5), toma novo valor ao se tornar representação da "modernidade possível" do projeto de novas "ondas de progresso" rumo ao oeste do país (pós 1930), depois é usada como elemento de reafirmação da sociedade goianiense, principalmente durante as comemorações do aniversário da cidade (mais evidentemente, nas publicações de periódicos, a partir da década de 1970), e, finalmente, como dispositivo da memória com a musealização do acervo do fotógrafo.

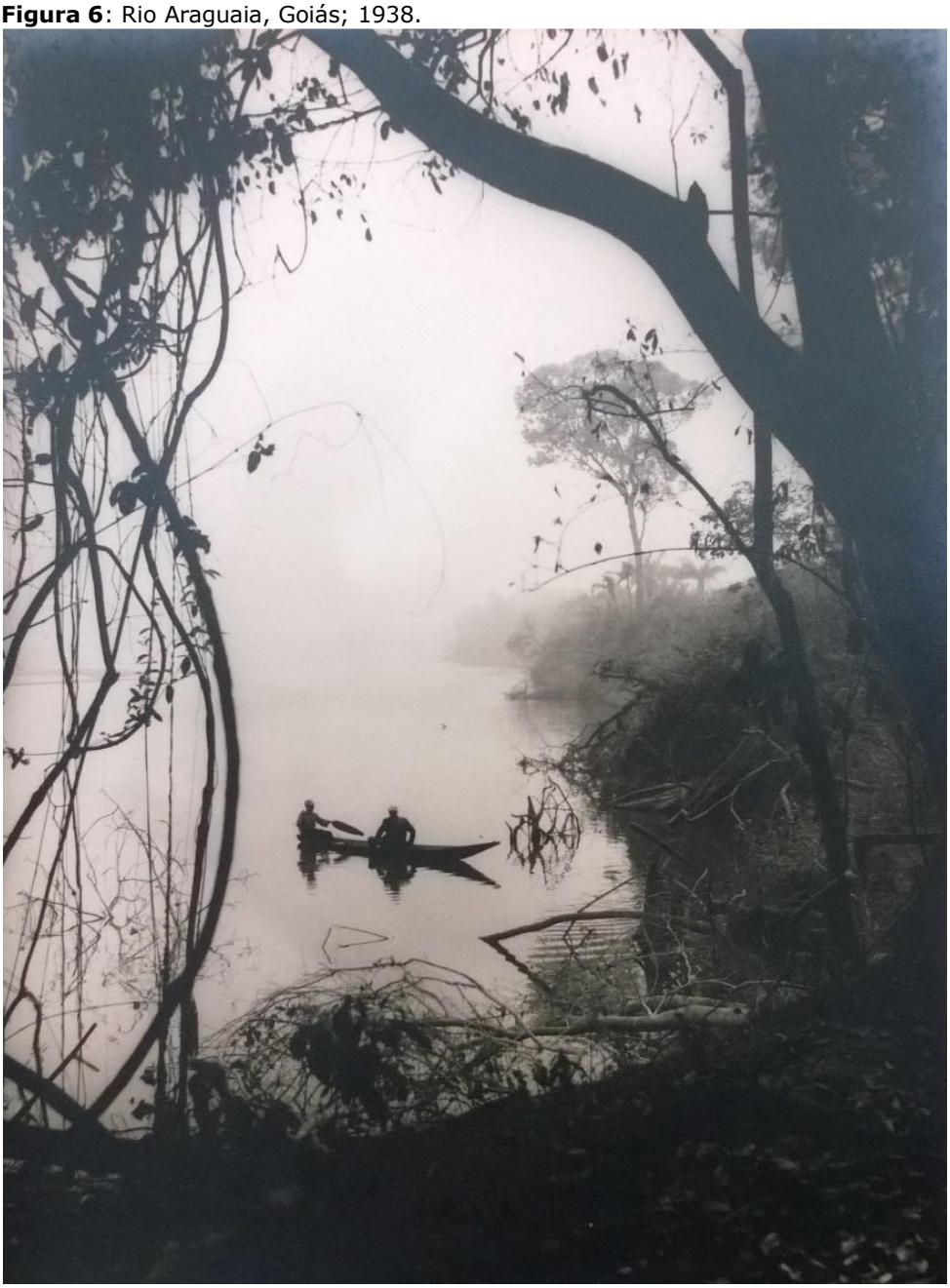
Figura 5: Carros de boi em frente ao Palácio das Esmeraldas, em Goiânia; 1936.

Fonte: Acervo AF, MIS-GO.

BY-NC-ND 4.0 International

Após uma longa viagem fotografando pelo interior de Goiás (figura 6), Feichtenberger retorna para a Europa, período em que atuou como correspondente de guerra na ilha de Creta (figura 7) e, após o conflito, como fotógrafo do Departamento de Turismo da Áustria e algumas regiões na Alemanha (figuras 8 e 9). O fotógrafo, que já vinha publicando seu trabalho em periódicos no Brasil, consegue se inserir como freelancer, em diversos jornais e revistas da Áustria e da Alemanha, acompanhando a tendência mundial pelo fotojornalismo[1].

Figura 6: Rio Araguaia, Goiás; 1938.



Fonte: Acervo AF, MIS-GO.

[1] O fotógrafo teve oportunidade de se especializar como fotojornalista nos cursos oferecidos aos correspondentes de guerra do exército nazista, em Potsdam, na Alemanha, em 1942.

BY-NC-ND 4.0 International

Figura 7: Autorretrato de Feichtenberger conduzindo animal de carga em riacho em Creta; 1943.

Fonte: Acervo AF, MIS-GO.

Figura 8: Embarcação com paisagem montanhosa e cidade austríaca (não identificada) ao fundo; década de 1950.

Fonte: Acervo AF, MIS-GO.

BY-NC-ND 4.0 International

Figura 9: Trabalhadores preparam o solo nas redondezas do parque siderúrgico de Völklingen, sul da Alemanha; década de 1940.

Fonte: Acervo AF, MIS-GO.

Em 1952, Alois retorna ao Brasil e prossegue construindo novas representações da modernidade para publicações da Comissão do IV Centenário de São Paulo (figura 10), e, posteriormente, como responsável pelo departamento de reprografia do grupo Matarazzo (figura 11). Em ambos os casos, o fotógrafo continua empregando uma perspectiva que adota noções de "progresso" e "modernidade" como referências necessárias para o "desenvolvimento" do país (figura 12). Produz registros fotográficos pelo interior de São Paulo e do país, ampliando a percepção de "modernidade múltipla" que apresenta em forma de relatórios de viagem.

BY-NC-ND 4.0 International

Figura 10: Complexo arquitetônico projetado por Oscar Niemeyer para as comemorações do IV Centenário de São Paulo, no Parque do Ibirapuera; 1953.

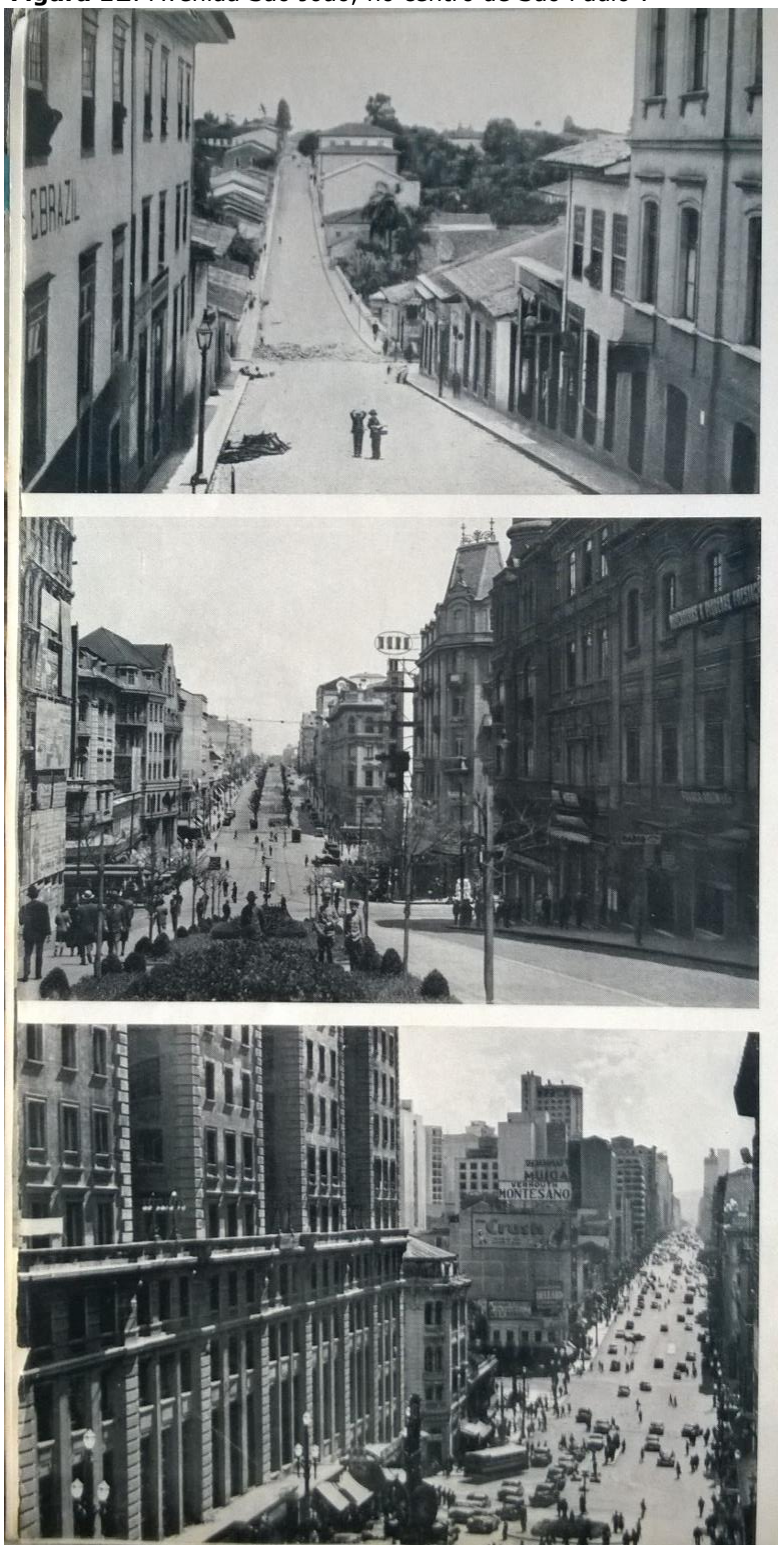
Fonte: Acervo AF, MIS-GO.

Figura 11: Vista do parque industrial da Matarazzo no bairro da Lapa, São Paulo; 1959.

Fonte: Acervo AF, MIS-GO.

BY-NC-ND 4.0 International

Figura 12: Avenida São João, no centro de São Paulo[2].



Fonte: São Paulo Antigo (1953, p. 20)

[2] Avenida São João, no centro de São Paulo, representada em uma publicações em comemoração ao IV Centenário de São Paulo, vista do mesmo ângulo em três momentos distintos: primeiro a antiga ladeira São João, em registro de 1890; no centro, a rua foi alargada e ganhou um canteiro central, como mostra a foto de 1932; por último, no registro de Feichtenberger, em 1952, destaca-se o Edifício Martinelli, em primeiro plano, à esquerda.

BY-NC-ND 4.0 International

Com o advento de Brasília (figura 13), e procurando se livrar da vida tumultuada da cidade grande, Alois e a família se estabelecem, definitivamente, em Goiânia, no final de 1959 (figura 14).

Figura 13: Espelho d'água com vista para o Congresso Nacional e o Palácio da Alvorada, Brasília; 1961.

Fonte: Acervo AF, MIS-GO.

Figura 14: Praça do Trabalhador e Estação Ferroviária, nas comemorações do 1º de maio, em Goiânia; 1961.

Fonte: Acervo AF, MIS-GO.

BY-NC-ND 4.0 International

Com uma carreira consolidada como fotógrafo profissional e com o apoio de amigos influentes, Feichtenberger se firma rapidamente na prestação de serviços para as empresas estatais goianas, fazendo o registro de diversos empreendimentos que representam uma nova fase do desenvolvimentismo (figura 15).

Figura 15: Trabalhadores durante a primeira etapa das obras da barragem da hidroelétrica de Cachoeira Dourada, no rio Paranaíba, Goiás; 1961.

Fonte: Acervo AF, MIS-GO.

Na década de 1980, com idade avançada, Feichtenberger não podia mais realizar as viagens para fotografar grandes empreendimentos pelo interior de Goiás. Mas, era constantemente procurado pelos jornais goianos para matérias sobre sua experiência jornalística, especialmente nas edições comemorativas do aniversário de Goiânia (figura 16), quando suas fotos do período de construção da cidade eram destaque. Além disso, seu círculo de amizades girava em torno de grandes nomes da cultura goiana, tanto das artes como das letras. Enquanto alguns amigos procuraram expressar pelas artes o que se poderia entender por um "modelo de modernidade" construída para a identidade goiana, Feichtenberger foi, reconhecidamente, um dos poucos que soube amalgamar em suas fotos o "conflito" entre o novo e o arcaico.

BY-NC-ND 4.0 International

Figura 16: Matéria sobre o fotógrafo, em edição comemorativa do aniversário de Goiânia, na qual são reproduzidas cenas urbanas de diferentes épocas, registradas por Feichtenberger.

goiânia, 24 de outubro de 1980 — DIÁRIO DA MANHÃ — PÁGINA 21

PAUTA ESPECIAL

Pedro fez Goiânia e Alois a sua imagem

por MARIA BEATRIZ

Os arranha-céus que o fotógrafo não desejava

Em 1955, na Avenida Anhanguera, as características de uma cidade ainda pacata

Alois: 72 anos e as lembranças de uma Goiânia que fugiu as suas expectativas

Com uma população estimada em 800 mil habitantes, Goiânia, hoje completando 47 anos, é uma cidade que já convive com sérios problemas. Muitos os atribuem ao fato de ter sido planejada para 50 mil habitantes e crescido acima das expectativas. De acordo com arquitetos, estudiosos do assunto, ter sido planejada para um número pequeno de habitantes não justifica o crescimento desordenado da cidade, porque poderia se expandir num espaço bem maior, obedecendo aos critérios básicos de sua idealização. Assim é que se vê hoje, apenas no Setor Sul, o que deveria ocorrer em todos os setores de Goiânia: áreas de lazer e espaços de convivência, tornando-a mais humana e agradável.

Se fôssemos falar da cidade sob o ângulo de seu crescimento, considerando-se o plano inicial suas administrações, a especulação imobiliária, a falta de estrutura básica, os problemas de educação, saúde, transporte e muitos outros, haveria necessidade de um aprofundamento que, talvez, mil páginas de um livro e um trabalho árduo de levantamentos, de meses ou anos, não fossem suficientes. Optamos, eu e Thomas, por um tema mais simples. O depoimento de uma pessoa que conheceu a cidade no seu início, com uma peculiaridade: documentou-a em fotografias. É o fotógrafo Alois Feichetenberger que, embora não seja brasileiro, ama o país como se nele tivesse nascido e onde vive há 55 anos. Uma visão, de certa forma, histórica de Goiânia, sob os olhos de um artista.

Goiânia é uma cidade cheia de arranha-céus, carregada dos problemas próprios de cidades centenárias como São Paulo e Nova Iorque. Nem por isso deixa de ser, visual e esteticamente, bonita. Sem entrar no âmago das questões que a envolvem e perturbam, Alois retrata Goiânia, que do seu ponto de vista artístico é uma cidade que perdeu seus encantos e que inclusive não o inspira a fotografá-la há mais de quatro anos.

TEMPO ROMÂNTICO

Com 72 anos de idade, o fotógrafo Alois lembra com muita saudade os anos 36, 37, 38 e 39, quando passou em Goiânia documentando o surgimento da cidade. Fala de um tempo romântico, porém primitivo, e do pesar que sente de não poder revivê-lo. Estrangeiro, aprendeu a amar o Brasil com um sentimento que demonstra através das fotografias que faz, retratando as belezas do País, principalmente sua natureza.

Em 1960, quando veio morar em Goiânia, depois de passar seis anos na Europa, na época da guerra, e sete em São Paulo, encontrou uma cidade ainda pacata, mas que logo começou a sofrer mudanças sensíveis pela construção de Brasília.

Quem ouve o fotógrafo falar de Goiânia, pode, a princípio, achar que é pessimista (e talvez injusto) com a cidade que o acolheu e onde pretende passar o resto de sua vida. Mas, se for encarado como um artista que é e, sobretudo, entender os seus sentimentos pelas coisas simples, é possível compreender suas posições.

O início de Goiânia foi "como um garimpo", diz Alois, "tudo começando". Aliás, foi num garimpo em Monte Carmelo, Minas Gerais, que conheceu Divino de Oliveira, que em 1936 o trouxe para Goiânia. Divino era contador da Prefeitura. De início, fez fotografias para particulares e vendeu algumas ao governo municipal. "Goiânia era tudo primitivo", recorda. Uma das primeiras fotografias que fez da cidade foi do rolo compressor compactando as ruas perto do Palácio das Esmeraldas. Depois, passou a documentar oficialmente a cidade, como funcionário público contratado pelo Departamento de Divulgação e Expansão Econômica. Joaquim Câmara Filho, chefe do Departamento, providenciou para que morasse no Palácio, onde foi instalado o laboratório fotográfico, antes mesmo de Pedro Ludovico mudar-se para a sede do governo. A finalidade do Departamento de Divulgação e Expansão Econômica era principalmente divulgar Goiânia, "para atrair o pessoal para vir morar aqui". É deu certo, admite Alois, "muitos vieram, a cidade cresceu, embora pessoalmente não concorde com o tipo de crescimento.

MAIS HUMANA

Ao comparar a Goiânia do início com a de agora, Alois suspira: "Naquela época estava bem melhor. Tudo era mais humano e familiar. Conhecia-se todo mundo. Hoje não conheço mais ninguém. Estou isolado. Embora fosse tudo primitivo, gostei mais daquela época".

Com relação ao panorama da cidade de 36 a 39, o fotógrafo situou o movimento de bicicletas. "Cavalos, eram poucos, só do pessoal que vinha de fora. Carros, quase não tinha. E o material de construção era trazido de carros-de-boi". Aliás os carros-de-boi foram uma presença marcante no seu trabalho. Tanto é que a fotografia de Goiânia sua mais conhecida de todos é justamente a de um carro-de-bois em frente ao Palácio das Esmeraldas, em 1936.

Muitas fotografias tirou da cidade, mas não tem idéia de quantas. Explica que, se comparado com o número que se tira hoje, será pequeno, porque naquele tempo fotografar era mais difícil. A máquina pesava e o sistema era de placas de vidro. Tirar fotografias requeria tempo e paciência. Para cada uma, precisava pensar.

Sempre, sobre a Goiânia do passado, Alois se refere com sentimentos do artista. E reafirma: "Foi mais romântico. Não havia assaltantes e edifícios. Podia-se sair à noite à vontade". Aceita o progresso da cidade, e acha admissível e até inevitável que tenha edifícios. Um ponto negativo, que se poderia evitar, na sua opinião, são os assaltos.

Há mais de quatro anos que Alois não fotografa Goiânia, porque "nada de interessante há mais para fotografar. É uma cidade como qualquer outra. Cheia de arranha-céus. Antes era bem familiar, mais humana". Essa cidade mais agradável prolonga-se até o início da década de 60, quando veio definitivamente para cá. As cidades da Áustria, seu país, à exceção de poucas, como Viena, não têm arranha-céus. "Mas entre elas e as cidades brasileiras há diferença muito marcante, inclusive o crescimento demográfico, que lá é mais estável".

Da Goiânia atual só ressalta um aspecto positivo: as mulheres bonitas. "Naquela época não tinha. Hoje está cheia demais". Thomas interfere e lembra Alois de que ele acabara de falar que a cidade nada tem de interessante para fotografar. "E as mulheres?" "Isso é coisa para o meu filho, com vinte e poucos anos. E também fotografá-las para publicar onde?"

O fato de que há mais de quatro anos não fotografa Goiânia, insistiu Alois, é porque "as coisas românticas estão acabando tudo". Como um primitivista e amigo da natureza à medida em que a cidade cresce e se enche de prédios, sua criatividade esmorece. E dá um exemplo, referindo-se à Praça das Mães, onde o lago está sempre vazio. "uma cidade em que as piscinas ficam secas, só enchem quando chove". Falou também da tristeza que tem de árvores derrubadas, das palmeiras que estão desaparecendo. "Não tem mais graça para fotografar. Perdeu o encanto".

Apesar do distanciamento que existe hoje entre Goiânia e aquela cidade que idealizou, quando nela veio morar, Alois diz que está com 72 anos e acha que "o jeito é morrer aqui". Feliz? "Mais ou menos. E se não tirar fotografia aqui, tiro noutro lugar".

Goiânia é uma cidade que ele praticamente viu nascer, como a viram Venerando de Freitas Borges, Pedro Ludovico — seus idealizadores, e tantas outras pessoas que ainda estão por aí. Alois não é o único que participou da batalha. Mas é o símbolo de muitos jovens, arquitetos, engenheiros, estudantes e gente da terra, que mesmo chegando após o desencadeamento de um processo, reclamam por uma cidade mais humana, em que 47 anos de vida não poderiam ter estabelecido tantos contrastes.

A fotografia de Alois mais conhecida

Bosque dos Buritis nos tempos românticos de que fala o fotógrafo

Fonte: Beatriz (1980); Acervo AF, MIS-GO.

BY-NC-ND 4.0 International

Referências

Beatriz, M. (1980, outubro, 24). Pedro fez Goiânia e Alois a sua imagem. *Diário da Manhã*, 21.

São Paulo antigo, São Paulo moderno: álbum comparativo: fotografias representativas de várias épocas da cidade de São Paulo. (1953). São Paulo: Melhoramentos, 1953.

Talarico, G. (2018). *Do acervo à fotobiografia: flagrantes da vida de Alois Feichtenberger (1908-1986)*. (Tese de doutorado). Universidade Federal de Goiás, Goiânia.

Recebido: 02/julho/2018; aceito: 15/agosto/2018

BY-NC-ND 4.0 International